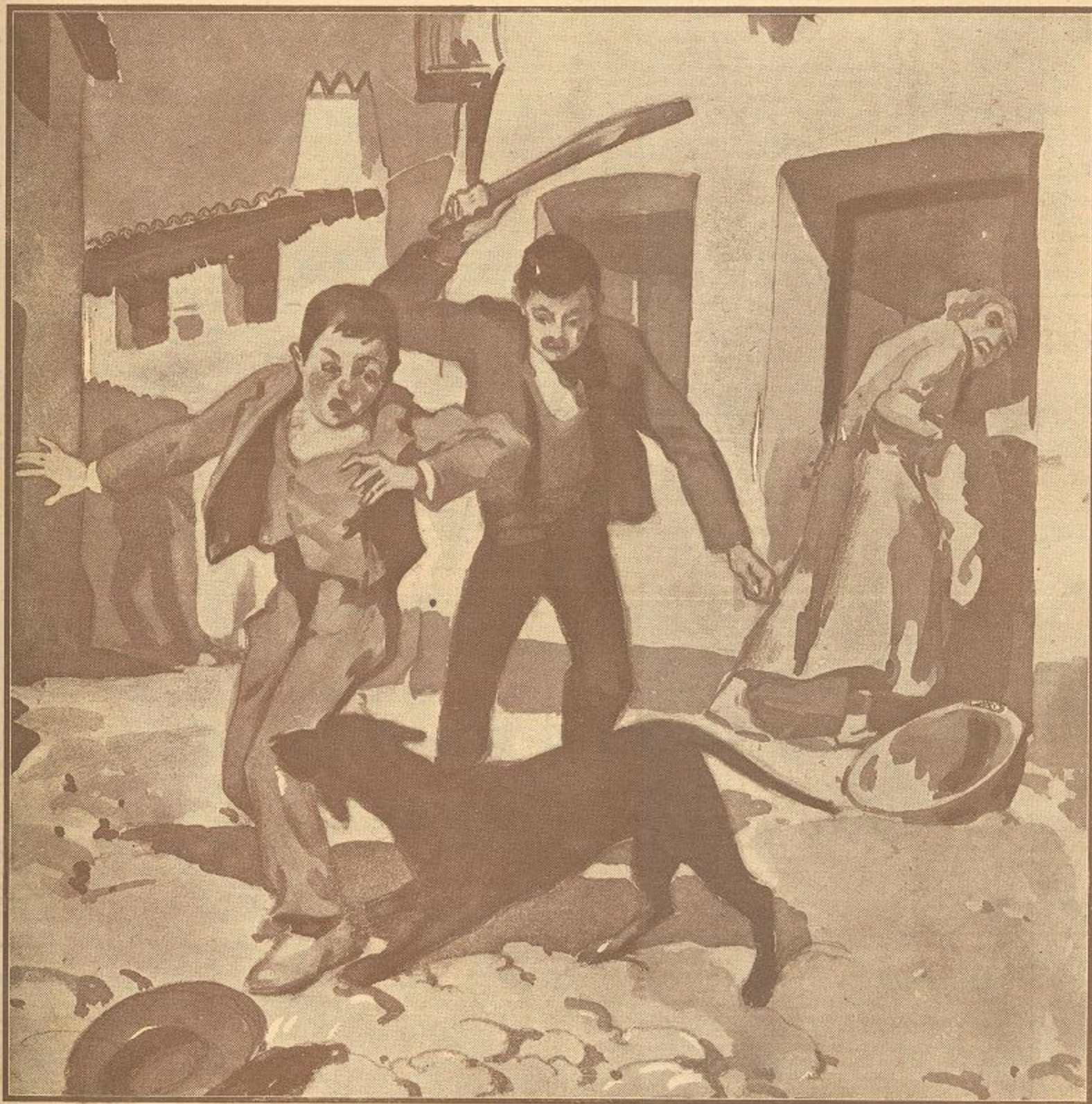
12 PAGINAS — NUMERO AVULSO 1 ESCUDO — 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS ~ TEATROS, SPORTS & AVENTURAS ~ CONSULTORIOS & UTILIDADES.

A Raiva—O terrivel flagelo!

Nas tranquilas aldeias de Portugal morrem todas as semanas creanças mordidas por cães damnados! Existe um unico instituto anti-rabico para todo o paiz, e com a dificuldade do transporte, morrem horrivelmente desamparados os hidrofobos. Que se olhem a serio estes problemas!

Pag. 2
O DOMINGO ilustrado
ANO I N.º 17
LISBOA 10 DE MAIO DE 1925
PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO Ilustrado
REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N.—DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA — EDITOR LEITÃO DE BARROS—IMPRESSÃO—R. da Rosa, 99

Má língua

AO TELEFONE

(Imitando o conhecido soneto de Virginia Victorino)

«—Quem? Quem?!... Ah, sim, és tu; oiço-te a fala.»—
Começámos os dois a conversar.
E vibra a minha voz, mais do que o mar...
e a dela, tanto hesita que se cála.

«—Vinha saber se queres continuar
ou se tudo morreu...—Mas fala! Fala!»—
Tanto hesita de novo, que se cála...
e vibra a minha voz mais do que o mar...

«—Pois tu não dizes nada?! Não me acalmas?!
Serás apenas um carrasco de almas?!!
Humilho-me; confesso-te a derrota;

mas anda, meu amor; responde agora...»—
«—E' favor desligar, minha senhora...
Aqui, fala da Casa Henriques Tota.»—

TAÇO

comentarios

O «Seculo» já se publica. Acabou felizmente a odiosa lei de excepção que pesava sobre o grande jornal. Neste momento lamentamos que a imprensa portuguesa tenha merecido tão rigoroso castigo, exemplificado num jornal que tem no pôvo tão fundas raizes. O seu eminente director, o jornalista brilhantissimo que é o dr. Trindade Coelho manteve em todos os dolorosos transes por que o seu jornal tem passado a mais nobre e dignificante atitude. Por ela o felicitamos, e aos seus leais companheiros de trabalho, os nossos colegas de «O Seculo».

JOÃO Ameal, uma das maiores esperanças da moderna geração, acaba de publicar mais um livro de crónicas intitulado *Claridade*. O seu estilo adquiriu calma e as suas ideias tomaram rumo. *Claridade* é um livro serio, de bom gosto, cheio de vigôr, de mocidade e de inteligencia, dentro das exigencias literarias de hoje e das tendencias nacionalistas — no bom sentido da palavra — de uma maioria moça que quer acabar com o que Antonio Sardinha—o grande Apostolo!—chamou o *caduco*, o *efemero* e o *transitorio*...

MERCEDES Blasco, a infatigavel e talentosa escriptora envia-nos o seu novo livro: «Tagarelices». Ainda o não lemos. Mas livro de Mercedes Blasco é sucesso de livraria e por isso felicitamos os livreiros Aillaud e Bertrand e o publico pela saida da nova obra.

PARALELISMO

Calino esborrachou um pato com o pé.
—Coitadito! Morreu como nasceu: debaixo duma pata...

questão prévia

COMO a esposa modêlo do tostado Mendibal, aquela solida burguesa cujas ferias conjugais Fradique Mendes denunciou em carta a Ramalho Ortigão, Lisboa teve ensejo, na passada semana, de alargar os braços e soltar o seu grito d'alma:

Ah, oui que c'est bon de se desembêter!

E Lisboa desabafou em francês, prescindindo d'aquele calão rasteiro que usa, em geral, para estas expansões, porque a dois artistas francêses ela ficou devendo o «desembestar-se» por alguns momentos, alheando-se da sornice de soalheiro e politica que constitue a preocupação quasi exclusiva dos espiritos nesta cidade d'algumas centenas de milhar de habitantes.

A empreza do S. Luiz, armando de vez em quando e benemeritamente em Grandela das artes scenicas, proporciona ao publico algumas quintas-feiras de retalhos, pondo as celebridades artisticas mundiais ao alcance de todas as bolsas. Na ultima semana, essa empreza (que criou jus a que em todos os espiritos, que não dispõem de francos e pesetas, se lhe inaugure o retrato a *crayon*) deu-nos Maurice Chevalier e Yvonne Vallée, o casal reinante do *music-hall* parisiense.

E' possivel que alguns dos nossos leitores, não dispondo de francos para os ir surpreender no seu meio, não tivessem visto trabalhar em Lisboa aqueles artistas, por falta de escudos ou duma entrada de favor e para esses desprotegidos da sorte vai a expressão do meu mais profundo sentir pelo estado de consternação em que devem encontrar-se.

* * *

Porque em verdade vos digo, meus irmãos na mazombice desta capital da tristeza lusitana quem não viu e não ouviu Chevalier e Vallée no palco do S. Luiz não pode avaliar que efeitos morais e fisicos podem resultar duma alegria comunicativa, duma arte bem regrada e precisa, mas com todo o aspecto duma improvisada maluqueira, que surpreende pelo imprevisto e encanta e embriaga e faz rir, entrando pelos olhos, pelos ouvidos, pela pele, obrigando os sãos e os doentes, os alegres e os elegiacos a comungar na mesma sã e despreocupada alegria de viver—essa necessidade verdadeiramente fisiologica de que nós queremos á força prescindir, do que resulta o envenenamento de tristeza e azedume que lentamente nos vai consumindo.

—Aha, oui que c'est bon de se desembêter!

Sim, meus amados confrades da veneravel ordem da Santa Tristeza, não ha na vida melhor dom natural do que a Alegria, nem mais agradavel sensação que a do Riso. Não o riso contrafeito do mazombo, que entende que a arte é sinonimo exclusivo de gravidade e que só a lagrima tem direito a subir ao palco e á gloria, mas o riso claro, franco saudavel, que varre e saneia o espirito, arrastando na sua impetuosidade os delecterios miasmas da tristeza, dos cuidados, das preocupações e que consegue esta coisa simples e que nós tornamos tão rara: a boa disposição!

* * *

Os dois artistas que ultimamente se exibiram, no S. Luiz conseguiram comunicar á Lisboa que por lá passou, durante cinco noites, essa alegria necessaria ao bom equilibrio da vida. Chevalier possue, em toda a plenitude, o sentido do comico natural, servindo-se maravilhosamente dessa faculdade para revestir duma naturalidade quasi inocente as passagens mais escabrosas das suas canções. Yvonne Vallée, dote rarissimo nas mulheres, tem a noção exacta do caricatural, reproduzindo-o sem prejuizo da sua gentileza feminina.

A eles se deve o milagre de ter feito rir certa gente desta terra triste, que tem o humorismo em conta de faculdade intelectual bastante inferior e que toma como falta de elegancia de espirito rir-se alguem do que tem graça. Na platéa, nas frizas, nos camarotes do S. Luiz, as mais respeitaveis calvas e os mais torneados ombros foram sacudidos pela mesma hilaridade espontanea. Se aqueles que riram com Yvonne Vallée e com Maurice Chevalier quizerem meter a mão na consciencia (agora, que decerto já os retomou a habitual mazombice) hão-de concordar comigo em que durante essas noites se «desembestaram» e que nem a visita, cá fóra, dos policias armados de carabina, nem o encontro, em casa, do aviso do vencimento duma letra lhes perturbou a boa disposição que a interpretação do *«Ça vient ou ça ne vient pas?»* lhes tinha comunicado.

FELICIANO SANTOS

por todo o mundo

A vaidade do artista pela obra das suas mãos é natural, e sobre a terra a vaidade crescerá sempre, emquanto houver homens e... artistas.

E para atestar, um pouco pelo menos, essa vaidade é que o pintor, o escultor, o architecto nunca deixam de assignar o producto acarinhado da sua arte, o que perante o grande publico, ou entendido ou *snob*, só augmenta o respectivo valor.

Pois agora nos Estados Unidos *yankees*, terra das estranhas ideias novas, um medico aliás ilustre, o Dr. O'Neill Kauz, embrou-se de introduzir esse costume para a arte da cirurgia. Como?

Assignando, por meio de tatuagem, no corpo do duplamente paciente a operação medica levada a efeito com mais ou menos pericia artistica. E assim numa operação de apendicite lá figura no ventre do operado o nome do medico ilustre que a realisou, como no nariz operado equivalente assignatura não faltará!...

E justo é que então mais caro lhes teremos de pagar.

* * *

Revejam-se nisto os nossos *aficionados*.

O Sr. Flaissières, maire de Marselha, lembrou-se de manter a prohibição das touradas «integraes», com o rubro remate da morte do touro.

Pois logo a seguir 2000 eleitores reuniram-se em ruidoso comicio, e resolveram votar contra o maire adversario da *afficion*.

Como não deixava matar o touro «de verdad», dão-lhe a morte... eleitoral.

* * *

Na Belgica estavam-se sucedendo crimes, sangrentos, praticados por uma legião vermelha de sangue polaco.

Teve a policia um trabalho agitado e ameaçador de perigos para lhe deitar a mão. Conseguiu-o, e nos bolsos dos presos encontrou um verdadeiro arsenal.

O mais interessante é que um dos chefes legionarios, Vladek, parece ser filho d'um comissario bolchevista de Moskow.

* * *

Uma noticia que deve interessar os philatelistas.

Em Paris abriu-se uma exposição monstro de selos postaes. Os coleccionadores tiveram ocasião de admirar o mais colossal numero de selos que jamais se conseguiu reunir; e teve um tal sucesso a exposição que havia «bichas» á entrada.

E como era natural, o facto foi celebrado com uma emissão comemorativa de selos.

SPECTADOR

écos

CONSTITUIU um enorme exito artistico a exposição de aguarelas que se realisa no salão Bobone e onde se exibem os quadros do nosso querido director o aguarelista Martins Barata.

O critico deste jornal, na respectiva secção faz as referencias que julga oportunas, com aquela imparcialidade e com aquela justiça digna de ambos.

ROCHA Peixoto, brilhantissimo escriptor, deixa temporariamente a nossa redacção. Muito em breve porém o seu espirito voltará para junto de nós. Na sua ausencia a secção *por todo o mundo*, terá um caracter diferente, focando mais os acontecimentos que a politica.

O nosso querido colega de redacção Adolfo de Castro realiza na Faculdade de Letras, no proximo sabado 16, uma conferência subordinada ao tema: «A Pintura Portuguesa nos seculos XV e XVI.»

Tratando-se dum dos elementos da Academia que mais cultura tem manifestado, é de crer que o seu trabalho marque uma tarde interessante.

A entrada é por convites.

TEMOS o maior respeito pelos funcionarios telegrafos-postaes, mas a verdade é que esse respeito não exclue a nossa vivissima indignação pelos roubos continuos, sistematicos e arrazadores com que somos mimoseados semanalmente pelos individuos por cujas mãos passa a nossa gazeta antes de chegar aos assinantes.

As reclamações são diarias e nós não sabemos já que fazer. Apelâmos para o Senhor Administrador Geral, em nome da dignidade de toda uma classe.

O nosso concurso teatral teve o maior dos exitos.

Brevemente num dos nossos primeiros teatros terá lugar a festa de *O Domingo ilustrado*, para a consagração da actriz eleita e do poeta eleitor.

VAE brevemente ser posto á venda o «Livro do Bébe» original de Delfim Guimarães, ilustre poeta, e com ilustrações de D. Raquel Gameiro Ottolini, a grande desenhadora das creanças portuguezas.

CHAMAMOS a atenção dos nossos leitores para o nosso concurso desportivo, O football, longe de ser o velho jogo do pontapé na bola, é já hoje um «sport» cheio de nobreza que impressiona pela beleza das atitudes e audacia dos golpes.

TABAGISMO

—Quantos anos dura uma locomotiva?
—Uns vinte. Mas se não fumasse durava muito mais.

JERONIMO VALVERDE NO COLEGIO E SUA INFANCIA—Por Henrique de Vilhena—(Lisboa, 1925).

A ultima obra do Prof. Henrique de Vilhena tem, sôbre tôdas as que constituem a sua já numerosa bibliografia a superioridade de representar a feliz colaboração dum notavel scientista com um apreciado homem de letras. Num estilo fácil, caracterisado por uma grande e despreocupada simplicidade, o dr. Henrique de Vilhena apresenta ante a emoção e a piedade dos pais e dos educadores, um quadro de angustioso realismo que, propositadamente, carregou de côres sombrias para ter mais probabilidades de alcançar a sua benefica intenção.

A primeira parte do romance de Jeronimo Valverde é a historia do que foi a vida duma criança de onze anos, durante um mês de internato num colegio frequentado por adolescentes viciosos e deploravelmente dirigido. A segunda parte é a visão retrospectiva de como decorreu a primeira infancia de Jeronimo, simultaneamente bem amado e mal querido por uma familia de habitos mundanos que apenas lhe prestava uma insuficiente assistencia moral.

Em longas paginas de impassivel objectivismo, o auctor descreve a heroica defeza da criança contra a acção desmoralisante do meio, contra a sua propria e perigosa curiosidade, contra o progressivo desencanto que ia turvando a sua alma virgem e nela semeará um germen de revolta, pronto a destruir o seu mais fundo de bondade e de generoso idealismo.

Sendo um energico libelo contra determinados processos de educação, a obra do ilustre professor tem ainda o curioso significado de representar um valioso subsidio para a nossa tão escassa literatura psicologica infantil. A obra do dr. Vilhena veiu, mais uma vez, recordar que, entre nós, a criança quasi não existe como motivo de arte literaria e que nêste solo onde a musa feminina é por demais exuberante e expansiva, ainda não frutificou o exemplo duma Carlota Brontë e duma George Elliot, doces almas de mulher que aplicaram os seus naturais processos de carinhosa e paciente analise ao estudo da alma, da inteligência e da sensibilidade infantis.

Tereza LEITÃO DE BARROS

A EXPOSIÇÃO DE AGUARELAS DE MARTINS BARATA

Não é suspeito falar das aguarelas de Martins Barata num jornal onde ele se encontra como colaborador brilhante. Possuidor da 1.ª medalha conferida na Sociedade Nacional de Belas Artes, e largamente representado nas galerias oficiaes e particulares de Madrid, Rio de Janeiro e S. Paulo, o novo e brilhantissimo artista está no principio duma carreira que se prevê cheia de triunfos.

A sua arte, sobria, moderna, e cheia de construção e de inteligencia, conquista dia a dia adeptos seguros.

Fugindo do «virtuosismo» dos brinquedos da agua, todos os cartões que assigna com o seu nome são aguarelas de merito—desse merito que os homens do «métier» reconhecem e que os mestres, como Columbano, Roque Gameiro e Alves de Sá elogiam e proclamam.

A sua galeria deste ano seria o suficiente para colocar Martins Barata na primeira fila dos melhores artistas contemporâneos, se de ha dois anos a esta parte êle não estivesse, pelos sucessivos triunfos obtidos, nessa posição conquistada com toda a justiça.

V. S.

Alguns casos da semana

Teem produzido grande sensação, as obras que a Camara Municipal de Lisboa mandou fazer na Rua do Ouro.

Continuadamente, a multidão cresce embasbacada, contemplando na maior anciedade as escavacações de que a pobre rua está sendo victima, constan-

do que na provincia se organisam muitas excursões afim de toda a gente poder vir a Lisboa examinar o fenomeno.

Mas, o que mais rala todas as pessoas que de perto teem contemplado as obras, é o fim a que as mesmas se destinam.

E as opiniões crescem assustadoramente:

Umas são de parecer que a empreza obedece ao desejo que a Associação dos Archeologos tem em descortinar se, antes de edificada, Lisboa tinha alguma ligação subterranea com o elevador da Gloria.

Os versados em politica, afirmam que o plano é abrir uma sahida secreta para os Ministros se rasparem em ocasiões de aperto.

Os que não são politicos nem eruditos, garantem que se trata pura e simplesmente de indagar se haveria por ali jazigo aurifero, dado o nome da Rua que carece absolutamente de justificação.

Outros apontam que afinal se procura apenas encontrar veio de agua mais ou menos potavel que venha acudir á proxima crise que os bombeiros apregoavam e só um velhote, com cára de bom rapaz, aventou esta opinião, que me parece aquela onde o sizo entra em maior dose:

E' uma ideia da Camara para furar o Monopolio da Viação. Trata-se simplesmente de abrir um canal, de o encher de agua e estabelecer dessa maneira a navegação á vela que se prestará ao trafego de passageiros e mercadorias.

* * *

Acabou-se a geringonça dos fosforos. O «trust» (deve ler-se «traste» porque a palavra é ingleza e só assim sintetisa a ideia) dos aparelhos de pau em caixinhas de madeira, deu a alma ao ganadero, que é como quem diz ao Creador.

Não mais teremos a fiscalisação da companhia a indagar se usamos acendedor, isqueiro ou materia explosiva para acender os cigarros.

Cada um poderá acender o lume com o que melhor entenda, desde a faisca da pederneira á chama violenta duma paixão amorosa e combustivel.

Até aqui, só ha razão para fogo de vistas e outras manifestações de apreço.

Dá-se porem o caso que o governo pensa em mandar vir do estrangeiro os pausinhos incendiarios para que no nosso mercado não falte com que deitar fogo ás torcidas dos candieiros.

Ora isso é que me parece pessima ideia, má medida e, direi mesmo, antipatriotismo!

Então é decente, é digno, é correto que nós, com uma historia de descobertas que nunca mais acaba, nascidos e batisados em Aljubarrota, Salado e Ourique, com Camões, D. Henrique e Bartolomeu Dias na familia, andemos após novecentos anos de existencia legal a dizer aos estrangeiros:—«O senhor empresta-me o seu lume?»

Ha por ahi coração de portuguez de lei, peito de lusiada, alma de navegador que não trema de indignação com esta ideia? Onde estão os homens da minha patria que não veem protestar? Que é feito daquele sangue que se derrama em Alcacer-Kibir que não vem dizer duas tretas heroicas sobre este caso de tão funestas consequencias para a Historia Patria!

Não, não e não! Sinto em mim as almas de todos os meus maiores e menores a mandar que tome eu o comando duma nova Ala de Apagados, e que grite: Ala moços da minha geração! Apaguemos os fosforos usurpadores! San Tiago e lumes Nacionaes!

Não consintamos que mais uma in-

vasão estrangeira venha pisar as flôres da nossa querida terra! Avante pelo lume Nacional, pelo fuzil e pela pedreneira! Fosforos estrangeiros, nunca! Queremos o que a tradição nos legou, o que é luxo, o que é português! Queremos a isca Nacional, nunca os fosforos alheios! Homens de Portugal! Vamos ás iscas!

* * *

Segundo dizem os jornais, parece que desta vez é certo. Vai haver aí um Metropolitano que Lisboa nem pode com ele!

Em breves meses, todo o lisboeta que se présa já poderá mandar dizer aos parentes da provincia: «Lisboa é uma cidade que até tem comboio por debaixo do chão!» e esta frase ha-de ressoar de montanha em montanha como coisa de grande apreço e sincera admiração.

Dizem que a proposito disso, a Companhia dos Electricos já anda de «troley» torcido porque não pode vêr de bôa sombra que uns camaradas lhe venham roubar os passageiros que sobejam nas paragens e que aquêles que teem de ir para casa a pé por falta de logar ou meios de fortuna que os auctorisem a dispender a alcavala das zonas.

Quanto a mim, acho a ideia muito catita. Realmente, o Metropolitano vem dar um grande desenvolvimento aos bairros afastados e resolver a crise da habitação e escangalhar o negocio de Santo Amaro que, embora os considerandos que habitualmente aparecem afixados nos carros, é um negocio muito respeitavel.

Depois, isto de se andar engatado por debaixo do chão, deve ser uma coisa muito pinoca. Estamos livres de que um carroceiro dê aula de má educação ás pessoas que lhe pedem a gentileza de não demorar mais que tres horas á frente do electrico, evita a poeirada, não se apanha chuva nas plataformas, nem se corre facilmente o risco do conductor nos abrir um desvio na cabeça com a chave das agulhas só porque lhe pedimos que não deite muito cuspo no bilhete.

Acho a ideia muito simpatica, muito util, muito moderna, muito civilisada, mas é preciso que a empresa exploradora, faça as linhas só por baixo do chão. Aquilo segundo parece gira com grande velocidade e, embora a Camara Municipal nos mereça todos os louvores, se o Metropolitano sae fóra e vem em qualquer logar á superficie, com a abundancia do lixo e a falta de luz nas ruas, aí temos um desastre que pode ser duma gravidade só comparada á operação do trepano ao beber um copo de água da companhia sem a «desfiltrar».

HENRIQUE ROLDÃO

Sports

O NOSSO CONCURSO DE FOOT-BALL

Começa a ter o maior exito o nosso concurso de «foot-ball».

Partidarios dos varios «onzes» footbolistas enviam-nos os selos de voto que chegam diariamente ás dezenas.

Começam já a definir-se correntes. Jorge Vieira e Francisco Vieira obtem o maior numero de votos. Cesar do Belenense tambem já tem marcação de valor.

Votam em Jorge Vieira:

Antero J. Reis
Francisco Vieira Morais
Alvim Machado
Carlos Canario
Joaquim Porto
Armando Machado Correia
Carlos A. Marques junior
Pedro Santos Carvalho
Telmo de Sousa

Votam em Francisco Vieira:

Sebastião Teles
Carlos Boaventura
Tristão Camacho
Armando S. Franco Junior
Armindo Sampaio
Marieta de Castro
Carlos A. Roma
Filipe Rebelo Fernandes
Dr. Filipe Costa
Carlos Mendes Reis

Votam em Cesar, do Belense

Manol H. Castro
Rodalfo A. Bensaude
Gastão Pedro Araujo
A. Pinho

Qual é o jogador de foot-ball mais correto, cujas atitudes mais assombram pela elegancia, pela linha, pela audacia?

Eleito: ....

Eleitor: ....

CAMPO PEQUENO

Sol ás moscas...—Marcial Lalanda—Casimiro e Ricardo Teixeira, não estão felizes—Falta de carne no Matadouro e rezes do sr. Terré

A corrida de domingo passado em beneficio do bandarilheiro Agostinho Coelho, constituiu um ponto de interrogaçao quanto á ausencia do publico, que apenas enfeitou meia casa, não tendo havido motivo que a justificasse, porque a maioria dos elementos de que se compunha o cartaz e a ordem do programa não eram inferiores ao de outras corridas com menos atrativos e mais influencia na procura de bilhetes.

Não foi demasiado o reclame anteeipadamente feito a Marcial Lalanda, considerado hoje um dos primeiros lidadores de touros, e que bem mostrou com o seu trabalho arrojado e magistral nas más rêses que lidou, n'esta corrida, tanto em bandarilhas e muleta que esteve superior, quanto em capote que não se pode fazer mais nem melhor.

A falta de um peão de brega de sua confiança, em touros de pessima lide, prejudicou, ou antes, não permitiu qne fosse mais lusido o seu trabalho emocionante, constantemente aplaudido e com fervor pela assistencia.

Os touros do sr. Terré, bem tratados, de bonita estampa e avantajada corpulencia, mais bem aproveitados seriam, para o consumo publico, se dessem um passeio até ao Matadouro, excepto o lidado em 6.º logar, o melhor da corrida, que recolheu ao touril enfeitado com alguns bons pares de Lalanda e Agostinho Coelho.

José Casimiro que reapareceu esta epoca no Campo Pequeno, foi recebido á sua entrada na arena, com uma uma carinhosa manifestação de simpatia, lidando dois touros um d'estes com bastante dificuldade, pelo que foi chamado e justamente ovacionado.

Ricardo Teixeira que tambem não esteve nas suas tardes felizes, foi prejudicado numa das suas montadas com duas colhidas que por milagre não resultaram funestas, cravando alguma ferragem regular, entre esta uma tira que quasi passou despercebida.

Os homens de barrete executaram uma boa pega de cara e outra horrivel de cernelha, e a direção da lide a cargo do aficionado Thomaz Lobato, com ponderação e acerto, não desagradou.

E aqui tem o meu caro leitor e muito resumidamente o que foi a corrida de domingo, onde houve algumas colhidas e bastantes palmas, não esquecendo a «perdiz» que apanhou o promotor, uma das mais respeitaveis desta epoca.

ZÉPEDRO

Francisco Peralta «*Facultades*» é hoje considerado o primeiro bandarilheiro, ou antes o *espada* que bandarilha com bastante arte, sobretudo infalivel na medição de terrenos, a mais matematica. resultando brilhante e artistica a execução de todas as sortes por ele preparadas.

Para *Facultades* não ha touros bons nem maus; seguindo a escola de *Guerrita*, satisfaz-nos vêr preparar uma rês de má lide, como aquele fazia, a ponto de obrigar a marrar touros mansos.

Na corrida de hoje, no Campo Pequeno, vamos ter ocasião de apreciar o trabalho do grande diestro, bem como Simão da Veiga (filho) que toureia a pé e a cavalo, elementos estes, além de outros não inferiores, que devem satisfazer os mais exigentes.

E' hoje que o nosso compatriota e primoroso cavaleiro-amador D. Ruy da Camara alterna em Badajoz com o celebre rejoneador D. Antonio Cañero, lidando touros em pontas, da ganaderia da Viuva Soler.

Atendendo á finura e nobres qualidades artisticas de D. Ruy da Camara, podemos garantir que a Arte de Marialva, mais uma vez triunfará no visinho reino, onde presentemente está sendo muito apreciado o toureio a cavalo.

PROGRAMA

1.º touro—Simão da Veiga
2.º » —Bandarilheiros
3.º » —Simão da Veiga
4.º » —Espada Facultades

INTERVALO

5.º touro—Simão da Veiga
6.º » —Espada Facultadās
7.º » —(Simão da Veiga (a pé)
8.º »—Bandarilheiros

Este programa pode ser alterado por qualquer motivo imprevisto.

O VI Portugal-Hespanha

PALAVRAS PRECISAS

Deve jogar no proximo dia 17, mais uma vez, Espanha contra Portugal.

As côres portuguesas irão defrontar-se com jogadores de merito, todos eles da melhor classe, do mais acentuado espirito profissional, da mais requintada cultura sportiva. Precisam, os homens que compõem o «onze» português de ter isso bem presente.

As ferias de Montachique têm um fim inteligente.

E' a primeira vez que se obedece a essa tatica vulgarissima nos grandes meios.

Dará ela resultado em Portugal? Dá, se os nossos homens se convencerem das gravissimas responsabilidades que pesam sobre os seus hombros, se queriam limpar a grande nódoa que puzeram no «score» desportista português, em Sevilha, quando da ultima fantochada internacional, em que fômos tristissimos comparsas.

Está dito e redito que em sports individuais, marcamos sempre.

No «association», jogo que depende do equilibrio, do conhecimento mutuo dos elementos que tem de operar em conjuncto, e onde o espirito de ordem e de preparação são primaciais—falhamos sempre ou quasi sempre. Portugal não pode hoje vencer a Espanha. Nem tale interessa. O que é preciso é marcar uma posição que corresponda ás nossas possibilidades, sabido como é que Portugal é o paiz mais novo do «foot-ball». O que é preciso é evitar a vergonha de Sevilha e dar, com nobreza, com correção, com vigor—a nossa «altura» na escala internacional.

O dia 17 será decisivo para o orientação que a critica leva a seguir para com os nossos jogadores, isto é ela será depois responsavel pela falta de sinceridade e de severidade com que os trata.

R. de S.

WATER-POLO

ESCOLHA DE CAPITÃES

Vamos em poucos dias entrar na iniciação dos campeonatos de Water-polo. Os Clubs preparam-se com grande entusiasmo para a lucta, todos estão animados para uma bôa classificação.

Vem a preposito lembrar o cuidado que deve de haver na escolha dos capitães de equipes, que ás vezes só pela sua ação são o factor principal para uma victoria.

Vulgarmente é escolhido o capitão de entre os melhores nadadores do grupo. Ora acontece muitas vezes que essa escolha recáe naquele que menos condições tem para exercer esse logar.

Não é só exemplo de bem jogar que marca a bôa competencia dum capitão, ele precisa de ser uma pessôa bastante criteriosa, energica, ser um tecnico, merecer a inteira confiança e prestigio dos seus nadadores, para impôr a sua autoridade de forma a manter a disciplina dentro da equipe. Deve ter o maximo cuidado na escolha dos jogadores e seus logares, de maneira a conseguir a harmonia e a bôa classificação da equipe, não olhando a amigos nem inimigos, se os tiver.

E' talvez esta a missão mais dificil dum capitão de equipe.

E' nossa opinião que cada Club deve nomear um «entraineur» das equipes de Water-polo. Esta orientação é hoje seguida por um Club da capital e tem dado os melhores resultados.

Esse «entraineur» deve reunir as qualidades acima indicadas para bom desempenho do seu espinhoso encargo, não devendo fazer parte de qualquer «team» para assistir de fóra aos treinos para com mais facilidade poder notar e corrigir os defeitos e irregularidades praticadas pelos nadadores durante os treinos ou desafios.

Levará ao conhecimento dos jogadores o regulamento do jogo que infelizmente quasi desconhecido é.

Compete-lhe pela assiduidade dos jogadores aos treinos ou desafios, ter em seu poder nota das moradas e locaes onde os jogadores possam ser avisados com a maxima brevidade, e por ultimo, de acordo com os jogadores escolher o capitão de cada equipe que exercerá aquele logar durante os desafios, devendo no entanto o «entraineur» ouvir a sua opinião quando no decorrer do campeonato entender fazer qualquer modificação nas linhas.

APUENTES TAURINOS

Recebemos do nosso antigo colaborador e brilhante critico tauromaquico, José Luiz Ribeiro, (Pepe Luiz) uma interessante «plaquete» escripta em espanhol, com aquele fitulo, e que se destina á divulgação da arte de Marialva em Espanha.

Cinemas, teatros e circos

cá por dentro

—Desligou-se da Companhia Robles Monteiro, o actor Nascimento Fernandes.
—O Teatro da Trindade foi alugado para a epoca de inverno pelo Sr. Conceição Silva que explorará o genero revista.
—Intitula-se «O Leão da Estrela» a comedia com que Chaby vae explorar o verão no Teatro Nacional.
—No Apolo entrou em ensaios a peça «O menino do Castelo».
—Foi representada no Rio de Janeiro, com grande sucesso a peça «Onze mil virgens».
—Intitula-se «Terra de Ninguem» a fantasia que André Brun está escrevendo para inauguração da epoca de verão no Eden.

Concurso Teatral

FINALISTA

Auzenda d'Oliveira?

Com alegria e beleza
Uma só ha que me prenda,
Nem outra ha, com certeza
Que eguale a gentil Auzenda!

ORTENSE SERRA.

Mais um caso para o jornal
Dum concurso colossal
Uma original maneira
De saber que a mais formoza
Das actrizes, flôr viçoza
É a Auzenda d'Oliveira.

GOGUINHAS.

É escusado teimar mais
Porque isso só dá asneira
Já se sabe que quem ganha
É a Auzenda d'Oliveira.

O meu voto eu vou dar
Peço não haja contenda
Não vão as outras chorar
Mas dou o voto a Auzenda.

PARITO.

A' Auzenda de Oliveira é um amor
Encanta, a sua graça e singeleza
É sem duvida, com seu olhar encantador
A mais querida, e linda actriz Portugueza!

J. A. FURTADO.

Com encantos seductores
Com a sua graça feiticeira
Tem aos mil adoradores
A Auzenda de Oliveira.

NIKI

As estrelas ajoelhadas.
Ante a Auzenda depor vão
As homenagens delicadas
Da mais sincera admiração

A. PEREIRA

Quem é mais merecedora
De ter votos aos mil
Por ser tão encantadôra
E' a Auzenda gentil.

F. ROLLIN

Não ha outra actriz portugueza
Que maior encanto nos dê
A Auzenda com a sua beleza
Dá alegria a quem a vê.

B. ROLLIN

En la tierra portuguesa
Qual la mujer mas bonita?
—Con gracia y con beleza
Hay una sola: Auzendita!

NIÑA BIEN

Maria Victoria

A peça de actualidade, tão querida do publico, «Rataplan» com Laura Costa, a encantadora «divette», em muitos numeros novos e sempre repetidos.

o momento teatral

Palmira Bastos, uma das actrizes que mais publico teem—está no teatro popular do Rato.

Nada mais imprevisto, nem mais louvavel. Palmira Bastos, onde quer que esteja, fará arte.

E' sabido que o seu temperamento, aristocratico e por natureza equilibrado, nunca fez supôr que, dentro da grande figura popular que é a Severa, estivesse á vontade a interprete gloriosissima da Mamã Colibri.

No entanto, Palmira, que é uma grande actriz, na sua impecavel fórma dramatica, marca superiormente a sua Severa, empolgando e arrebatando o publico da nova sala de S. Bento. E, dando uma interpretação pessoal á personagem dramatica que ficará sempre presa á saudosa e desgraçada Angela, Palmira contribue ainda mais para valorisar a heroina de Julio Dantas, pois é sempre interessante ver varias artistas, de craveira elevada, interpretarem as grandes figuras scenicas do teatro português, que bem poucas são.

Concurso Teatral

FINALISTA

Laura Costa?

Ao saber d'este concurso
No «Domingo Ilustrado»
Quiz votar na Laura Costa
Que é a actriz do meu egrado.

CARLOS MENDES.

Pequenina como um beijo,
Laura Costa, a linda estrela
E' o sonho porque almejo
E por isso voto nela.

CARLOS AGUIAR.

A mais deve ser
A Laura por mais que faça
Eu até lhe vou trazer
Duzias de ovos de Alcobaça!

JOAQUIM CUNHA e SILVA.

É a Laura cá p'ra mim
Quem o premio deve ganhar,
Pois uma beleza assim
É mui raro de encontrar.

A. J. DIAS

Não me importo de apostar;
E ganho ao certo a aposta
Em como é a Laura Costa
Que o concurso vai ganhar.

ZURICH

ESTADO DO CONCURSO ATÉ AO N.º 16

Auzenda d'Oliveira	56 votos
Laura Costa	56 »

noites de primeira

INAUGURAÇÃO DO TEATRO JOAQUIM DE ALMEIDA

A SEVERA — Scena de facadas em 4 actos, original do dr. Julio Dantas.

A 9 e meia da noite, ainda os carpinteiros estão a acabar o palco. O publico entretem-se a vêr a nova casa de espectaculos que é toda em estilo Pampilhosa do Botão. Ha um cheiro muito agradavel a verniz e umas colunas de madeira pintadas a fingir pedras, que parecem mesmo de zinco.

O pano de boca é que prende as geraes atenções. E' na verdade uma obra prima! O Joaquim d'Almeida de gesso que está no alto do proscenio, esteve vai não vai para lhe cuspir por desprezo, mas deu o sinal para começar o espectaculo, e a coisa não passou de ameaça.

1.º ACTO—Estamos na acreditada taberna do Mangerona. O Tristão conta ao Diogo que afinal sempre conseguiu abrir o Teatro. A um lado o Judicibus está a estudar calculos, fazendo contas ao dinheiro que hade ganhar com a empreza.

Entra o Vital que vem muito contente por já se lhe ter acabado a interdição e que pula de satisfeito só para arreliar o Luiz Pereira.

Nisto surge o Gastão fardado de Marialva e o D. José da Costa, idem. Contam os dois que passaram uma tarde em cheio na toirada e, como está calor, o Gastão despe o casaco só para mostrar que naquela epoca já se uzavam suspensorios. O Tristão compra-lhe um cavalo porque precisa quem lhe puxe o teatro cá para baixo se ali não der nada, e dahi a pouco entra a D. Palmira que traz *toilettes* da Madame Martin e vem gordinha que é uma consolação. Arranja-se ali uma grande toirada, a D. Palmira canta o fado, numero que agrada muito e que é bizado porque faz lembrar a valsa das rosas do *Amor de Principes* e a Maria Helena da Luz é atacada de tosse convulsa, facto que dá origem á Bemvinda ir comprar dez reis de pevides a fingir que são uvas.

E' tarde e a D. Palmira para se deitar escolhe o Judicibus que faz um *Custodia* em gordo mas aparece o Gastão, diz que não quer graças, que a brutalidade nele é de familia e acaba o acto.

2.º ACTO—A D. Palmira canta á janela a vêr se alguem a convida para formar uma companhia de opereta. Aparece o Judicibus que diz que o que mais o arreliava era toda a gente perguntar:—Então quando abre o teatro?—e, como ninguem lhe dá palmas, diz: Raios os partam!

Entra a Bemvinda a gritar, a D. Palmira tira a medida ao colarinho do Roque, aparece o Gastão e o D. José da Costa, lá dentr o ocontraregra finge que ha uma grande desordem e por fim a D. Palmira canta outra vez com uma grande porção de sentimento.

3.º ACTO—No Pateo das Toiradas. O D. José da Costa estuda para Simão da Veiga. Aparece a D. Marqueza d'Almeida que pergunta ao Gastão para que é que ele foi representar outra vez. Então ele toma uns grandes ares e pergunta-lhe se aquilo é descer ao que ela responde que não só é descer como tambem é ir muito mal.

O ponto fala alto para a gente saber que a falta da cupula é para inglez vêr e aparece a D. Palmira que afirma que está ali por que veio misturada com as trouxas, e diz á Marqueza d'Almeida que se ela pensa em formar outra vez companhia que lhe prega duas bofetadas. O Judicibus quer por força matar o bicho, rapa da navalha e aparece o Gastão que arma uma grande desordem com a D. Palmira. Lá dentro tocam-se gaitas, o Judicibus diz que a ideia da *Severa* foi do Tristão e o pano torna a cahir.

4.º ACTO—A D. Palmira está doente, é quasi noite e só então é que o Judicibus repara que anda ali ás aranhas.

A D. Palmira desafia-o para jogar o lucro da empreza á batota mas o Judicibus arrelia com o az de espadas e entra o Tristão que vem propôr uma *tourneê* ao Alemtejo. A D. Palmira diz que não, que ainda se lembra do que passou em Evora e entra a Bemvinda que diz que a Maria Helena da Luz morreu com o desgosto de não lhe terem dado o papel da Marqueza que ela fez tão bem em S. Carlos.

Entra o D. José da Costa finge-se muito zangado e surge o Gastão que se agarra escandalosamente á D. Palmira.

Dizem coisas meigas um ao outro e a D. Palmira péga na guitarra porque como lhe bizaram o numero do 1.º acto, quer vêr se a coisa pega. Então o Judicibus faz-lhe vêr que é uma hora da noite, que a D. Palmira mora ali perto mas ha quem more longe e que portanto é melhor acabar com a cantiga porque do contrario só lhe paga metade do *cachet*.

Ao ouvir isso, a D. Palmira morre pela primeira vez, o Gastão fica como doido e quer ir para a companhia do irmão e o Tristão aparece a dizer que afinal o Teatro demorou mas sempre abriu.

Cae o pano, muitas palmas chama-se toda a gente, inclusivé o guarda-nocturno que faz serviço naquela rua e o espectaculo acaba com geral satisfação. As actrizes e os actores vão para os camarins limpar a cara e os espectadores vão para casa limpar os fatos com benzina porque algumas cadeiras ainda estavam frescas.

ANDRÉ GODIM

S. Carlos — Sempre espectaculos pela companhia Lucilia Simões. Repertorio de drama e alta comedia, com Lucilia, Erico e toda a companhia.

S. Luiz — Espectaculos variados pela companhia Armando de Vasconcelos. Grandioso exito de arte e elegancia.

Apolo — A aplaudida revista «Tirollo». Magnifico desempenho de toda a companhia.

Avenida — Espectaculos pela companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho.

Politeama — «Aigrette» grande sucesso de toda a companhia Rey. Colaço-Robles Monteiro.

Trindade — Capital Federal—feeries e revistas, sucesso grande. Cremilda e brilhante grupo de artistas e coristas.

J. Almeida — A «Severa com Palmira. Colossal exito.

Coliseu — Grande companhia de opera italiana. Espectaculos variados todas as noites.

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

UMA FIGURA HISTORICA DO PORTO

O Fajardo

O verdadeiro "pai" do vigarismo. O que era o conto do vigario em Portugal em 1860

Há pouco tempo ainda, atribuia um ilustre colaborador do «Domingo», á introdução do «vigarismo» em Portugal a data de 1861.

Ora Fajardo, tendo inaugurado a sua industria no Brazil em 1838, e em 1847 em Portugal, bem merece as honras do «PAE» de tal desporto e o titulo de «notavel» na arte de enganar o proximo.

Realmente Fajardo, filho de um honrado liberal (um dos 7.500 bravos desembarcados no Mindelo!), nascido em 1822, mostrou de bem novo uma verdadeira vocação e uma dóse verdadeiramente notavel de espirito inventivo.

* * *

Dotado de inteligencia viva, com grande facilidade para aprender linguas, conversava sobre muitos assuntos, dando a impressão de ter uma cultura vasta, que afinal... só tinha de ouvido.

Alto, elegante, trajando correctamente sempre que podia, um pouco estrabico e insinuante, apresentava-se como um verdadeiro «gentleman», quando bem encadernado.

Apesar de muito conhecido (todos gostavam d'ele... mesmo as vitimas!) as suas faculdades inventivas eram tão prodigiosas, os seus processos tão variados e originaes, que conseguia— «pregá-la na menina do ôlho» — ao mais esperto e prevenido!

A sua actividade foi de preferencia exercida no Porto e arrabaldes, tendo no entanto pregado partidas interessantissimas na provincia e mesmo em Lisboa.

Para o celebrisar em qualquer capital estrangeira, bastaria a visita que fez como almirante espanhol exilado a uma esquadra inglesa fundeada no Tejo, onde foi obsequiado e bem, pelos camaradas que lhe prestaram todas as honras devidas ao seu «alto pôsto» e lhe encheram generosamente as algibeiras de bôas libras, para acudir ás necessidades... do camarada exilado.

João da Costa Fajardo, se em vez de nascer em Portugal, o tivesse feito em qualquer país estrangeiro, teria sido uma autentica celebridade.

* * *

Dia magnifico de Primavera.

Um cavalheiro passeia a sua ociosidade elegante dentro de um fato claro da ultima moda e do melhor córte, tendo no braço um sobretudo.

Uma senhora e uma menina, naturalmente mãe e filha, gente de bom-tom, seguem casualmente pela mesma rua, alguns passos adeante.

O cavalheiro segue-as distraídamente e sem apressar o passo.

A certa altura da rua páram as damas e batem á porta de uma bela casa, onde ainda hoje vivem algumas das pessoas que ali viviam então.

O cavalheiro aproxima-se naturalmente, parando tambem.

Momentos passados abre-se a porta e á criadinha galante que cumprimentou risonha, perguntam as visitas se a sr.ª D. Fulana está.

— Sim minhas senhoras. Fazem favor de entrar.

As senhoras entram e o cavalheiro segue-as com a maior naturalidade, sem que isso cause o menor reparo.

Sobem ao primeiro andar e entram na ampla e rica sala de visitas, enquanto a creada vae anunciar.

As senhoras da casa demoram um tanto a aparecer, como áliás sucede muitas vezes, dando tempo a que entre as damas e o cavalheiro se troquem algumas banalidades.

E' natural: visita, talvez parente das suas relações é sem duvida alguma, pessoa da sua «róda».

A certa altura o cavalheiro levanta-se e diz risonho áquelas damas:

— Minhas primas são incorrigiveis; não perderam ainda o mau costume de fazer esperar as visitas... como regressei de surpresa não esperam a minha vinda... se V. Ex.as, minhas senhoras, prometem não lhes dizer nada...

— Ora essa...

—... então vou fazer-lhes uma partidinha que ha-de assusta-las um pouco...

E tirando com o ar mais risonho deste mundo, as velas que ornavam dois magnificos castiçaes de prata antigos, que estavam sobre a mesa proxima, foi buscar o sobretudo que pousara em uma cadeira e em suas amplas algibeiras enfiou os dois castiçaes, dobrando-o de seguida cuidadosamente.

Tomando então o chapeu e a bengala, cumprimentou amavelmente as damas e disse voltando-se já da porta, com o mais agaiatádo dos sorrisos:

— Então muito segredo e até já... vão ver como se divertem!...

E sahiu.

Entra a dona da casa, depois a mana e finalmente as meninas...

Muitos beijos, risos, trinta mil perguntas... como de costume em encontros desta especie.

As visitas já sentem cócegas na lingua de tanto guardar aquele segredo.

Depois de varias tentativas para excitar a curiosidade das donas da casa, e provocarem perguntas, falaram de primos ausentes, até que a menina, não podendo mais sustêr-se, fez a seguinte pergunta:

— Mas não dão pela falta de qualquer coisa?...

Pósta a charada, não tardou que descobrissem sobre a mesa as velas e bobeches, viuvas de castiçaes...

—Quem foi? perguntaram num espanto.

—Como foi?...

... e o segredo explodiu n'uma alegria:

—Foi partida do primo de V. Ex.as que regressou sem prevenir, para lhes fazer uma surpresa...

—Oh!

* * *

No dia seguinte era facilmente encontrado o «heroi» que passeava com o maior socego no jardim da Cordoaria...

Levado á presença do Comissario Geral de policia, foi por este interrogado rápidamente:

— Não tomas emenda, Fajardo?...

—Foi por méra brincadeira, senhor Comissario.

—Como sempre!...

—...

—Onde estão os castiçaes?

—No prégo, senhor Comissario.

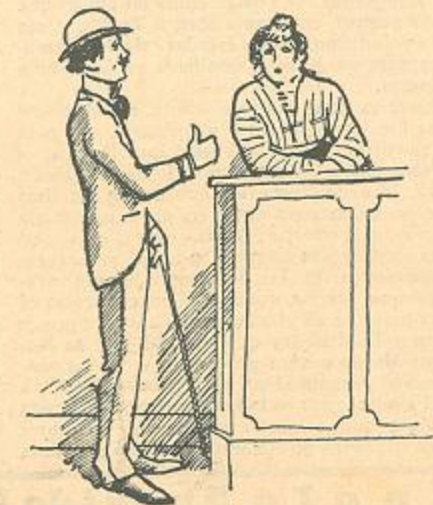
—E o dinheiro d'eles?

—Onde vae isso já!... respondeu rindo.

—E as cáutelas de penhor?

—Ei-las, que para mim de nada prestam; guardei-as por atenção a V. Ex.ª

O Comissario mandou pelos castiçaes á casa de penhores indicada.

Mais tarde, quando já os tinha sobre a mesa de trabalho no seu gabinete, mandou vir novamente o Fajardo.

—Agora que tenho mais vagar, vaes contar-me como fizeste este serviço dos castiçaes.

Não se fez rogar o nosso artista e começou de representar ao vivo, a comedia já nossa conhecida; quando chegou á altura de «fazer a partida», tirou o sobretudo que então trazia vestido e tal como tinha feito da primeira vez, meteu os dois castiçaes que estavam sobre a mesa do Comissario, nas algibeiras e dobrando novamente o agasalho sobre o braço esquerdo, tomou o chapeu e a bengala, cumprimentou correctamente e dirigiu-se para a porta.

Chegando ali e antes de sahir, voltou-se e repetiu ao Comissario aquela mesma frase:

—Então muito segredo e... até já; vae ver que se diverte!... e sahiu.

O Comissario, que riu durante a representação com a melhor vontade, esperou ainda um bocado, mas vendo que o Fajardo não reaparecia, chamou a ordenança:

—O Fajardo?

—V. Ex.ª não o mandou embora?

—Não! vá ver onde está e traga-mo novamente aqui.

O policia sahiu, para vir dizer passado pouco tempo:

—O Fajardo foi-se embora e disse ao despedir-se da sentinela, que V. Ex.ª o... tinha mandado pelo mesmo caminho...

Mandado procurar imediatamente só o poderam encontrar no dia seguinte passeando socegadamente no... jardim da Cordoaria!

Levado outra vez á presença do Comissario, disse-lhe muito risonho e com a maior naturalidade:

—Foi assim exactamente da primeira vez!... Aqui tem V. Ex.ª as cautelas de penhor.

Os castiçaes estávam novamente no prego!

—E o dinheiro? perguntou o Comissario.

—Tal qual como da primeira vez... foi um ar que lhe deu...

—?!...

* * *

Não resisto á tentação de contar-lhes mais uma.

De manhã, em uma loja de fazendas da rua dos Clerigos --a que antigamente era conhecida pela designação de «loja das alminhas», se não estou em erro.

O estabelecimento prolonga-se até ás trazeiras do predio, tendo ao fundo janelas para um jardim.

Junta da entrada, lado da rua, ficava a mesa da «caixa», logar que era então ocupado pela esposa do proprio proprietario do estabelecimento.

Fajardo, que era conhecido de todos da casa, e que com frequencia se ficava por ali ao cavávo, contando suas partidas, passeava sósinho ao longo da comprida loja.

O dono da casa conversava com tres amigos, junto das janelas do fundo.

Em um dos seus passeios, Fajardo aproximou-se do grupo dos conversadores e depois de ali permanecer por algum tempo, dirigiu-se cortezmente ao dono da casa, num momento em que a conversa mais animada ia, pedindo-lhe para dizer quantas horas eram.

(Conclusão na pagina 8)

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

A mulher n.º 4

QUANDO eu entrei a barbear-me no Golden Palace, um rapaz que se estirava numa das poltronas de veludo, um pé estendido ao engraxador, uma mão abandonada á manucure, uma camisa de seda branca, fresca como petalas de rosa, sobre o dorso forte, reparou em mim. O barbeiro disse-lhe qualquer coisa a meia voz, e momentos depois, quando o homem acabava a «toilette» veio até junto da cadeira onde eu estava, e disse-me, com um clarro sorriso na sua face escanhoada e sanguinea:

— Faz-me um favor?

—Tem a bondade...

—Dizem-me que o senhor sabe inglês...

—Alguma coisa... porquê?

—E' que eu queria que me escrevesse duas palavras... Tenha paciencia... Eu lhe digo:

Viu as quatro «girls» do Eden? Pois bem... Atiro-me a uma delas... Por signais ainda vai a coisa bem — o diabo é a escrever-lhe! Queria pedir-lhe para ela ir passear comigo antes do espectaculo, no meu carro. Se o cavalheiro fizesse o favorsinho...

Eu vou ali comprar uma flores para lhe mandar com a carta. Aqui está a folha de papel «rosa» e o envelope... ...comprehende, isto é destas aventuras sem consequencias. Amanhã a «tipa» raspa-se para outro sitio — e prompto, não ha o perijo das «carrassas».

Cá para mim não ha como estas «internacionais»...

Vou ali num pulo!—E, de facto, com um brilho de sensualidade a iluminar-lhe a cara, o rapaz piscou-me o olho, baixou levemente a cabeça, teve um lindo sorriso de felicidade, e safou-se a correr...

Fiquei preplexo com a folha de papel e o envelope «rosa», onde êle deitara, amoroso e descuidado, uma gota de «Heliotrope Oubigand».

Peguei na pena permanente, e comecei a escrever as duas linhas pedidas: «Dear love...

* * *

. . . .

Quando a pobre Miss Kate morreu, aos 70 anos, todos nós lá em casa tivemos muita pena. Minha mãe chegou mesmo a chora-la como uma grande amiga, e, de facto, a esqueletica, corada e velha ingleza que nos aturára nos ultimos dez anos da sua vida, com o seu enorme malão de coiro preto, o seu relogio de pulso com açaime (que foi o primeiro que eu vi em Lisboa) os seus sapatos de lona preta, sem salto, arrebitados como fragatas; a sua boá eterna como um longo espanador preto de penas de galo, em torno do pescoço, e o seu cabelo de estopa branca—era uma amiga.

Morreu tranquilamente; enterrou-se sem pompa numa manhã de abril, com as acacias floridas, no cemiterio dos Ingleses á Estrela, e logo depois da terra escura ter coberto a pequena urna que a levara, os melros de novo assobiaram alegres na quietitude imensa dos ciprestes...

* * *

Sem herdeiros, sem parentes, sem amigos, a pobre Miss Kate viera-nos para a casa por anuncio: *Ingleza livre e respeitavel precisa-se para tratar de creanças.*

E ficara. Longas tardes passamos na Estrela, obrigando os seus pés de artritica a calcurrearem as aleas de areia do jardim, atraz de nós, na bôa e luminosa edade do colarinho á mamã, das meias escocesas, dos drops da mercearia da esquina e das insuperaveis e mais do que tudo saudosas «surpresas» de 5 reis!

Foi pois com piedosa ternura que entramos no seu pequenino quarto, ao regressar-mos do cemiterio, para arrumar as «suas coisas». E foi com lagrimas nos olhos que mandamos entregar aos pobres as ultimas reliquias da pobre Kate—a sua grande mala de coiro, que era para nós um poema de recordações, uma velha oleografia da Rainha Victoria e a sua estranha boá negra, de indomoveis e lusidias penas de galo...

Entre o espolio da boa velhinha encontrei, no recato das suas mais intimas coisas, de bôa camaradagem com uma antiga biblia inglesa, um livro de memorias, apenas esboçado em dez ou

doze folhas—como se apenas até ali a vida que ele descrevia tivesse algum interesse, e depois, na vida e no livro, se não seguissem mais que paginas monotonas e lisas, paginas em branco de emoções,—paginas virgens de alguma ternura—paginas que, se não viveram e que portanto não valia a pena escrever!

* * *

Evoco para aqui o pequeno romance imprevisto que as paginas desse livro me revelaram:

No inverno de 1875 o grande numero da temporada do Circo de Price foram «the Four Gipsy Girls». Eram quatro raparigas inglesas que alçavam a perna ao mesmo tempo, usavam monóculo e badine, e dançavam todas as noites nos «cavalinhos» da velha Lisboa o mais infernal chifarote que Portugal tinha visto.

Discutia-se no Marrare e no Baltresqui a qualidade das pernas e a elasticidade das malhas, e havia paridarios que batatiam sobre o marmore das mesas as suas preferencias para, a numero um, emquanto outros, com a «Gazeta» nas mãos, clamavam o triunfo absoluto da «trez» e «quatro»—ás melhores, as mais novas, as mais lindas!

Miss Kate, a nossa velha e amiga institutrice, fôra, nesses tempos longicuos a «numero quatro» das Gipsy Girls do Circo de Price!

E a sua pequenina historieta de amor, duma tão comovedora simplicidade, li-a eu mais entre as linhas do que nas palavras escriptas nas palidas folhas do seu livro de recordações.

Quando chegaram as quatro inglesas deram logo no goto á rapaziada da baixa de Lisboa. A graça elegante e gimnastica das «girls» contrastando com as olheirentas meninas do Passeio Publico, teve um imediato sucesso de inédito. Choveram as declarações de amôr, em prosa e em verso, desse punhado de poetas disponiveis que Lisboa tem sempre. Kate, a numero quatro, tinha muitos apaixonados.

Um, dentre todos, a interessou.

Ela indica-o com a letra M. Um Manuel? Talvez. Sabe-se que era moreno, militar, que usava «mosca» e tinha olhos grandes. Estou a ver um alferes cadete, cintado e amoroso, curvado sobre a brancura de jazpe de Kate. Amaram-se!

As quatro girls fizeram a época e, findo o contrato, o numero—e toda a companhia de cavalinhos, seguiram pela mala-posta a tomar o comboio a vapor de Salamanca. Kate, heroicamente, sacrificando o futuro, as companheiras, a gloria talvez, a tranquilidade comcerteza—ficou! Ficou com esse homem ardente e moreno, seductor e grave, esse militar que usava mosca, e que soubera entontecer a frescura da sua carne, pondo fogo no seu corpo de virgem fria e glabra. Abandonára tudo a pobre Kate, tonta e seduzida—e ficára, presa dessa loucura da farda rutilante sob as ramadas frescas do Passeio Publico. Nem rogos de companheiros, nem instancias de emprezarios, nem exigencias de dinheiro—a pobre Kate não as ouvia! A 4 numero quatro ficava! Não mais as outras raparigas anunciariam em letras triunfais o triunfal numero *"The four Gipsy Girls"*...

* * *

Mas, uma madrugada, com despedidas de lagrimas e prometimentos de volta, na ponte dos vapores, o alferes partiu para Africa. A pobre rapariga ficou, indecisa e só, numa cidade alheia. O seu sonho debil fugira rio fóra na bruma doirada da manhã.

Onde estariam os seus companheiros? Que fariam pelo mundo fóra as 3 Gipsy Girls, viuvas da sua mais linda companheira?

Kate chorou a sua desdita á beira do cais das colunas.

Mas a vida venceria.

Trabalhou para viver.

Passou então a ser a professora inglesa das creanças ricas, semeando em torno de si aquela resignada tristeza e aquela paz imensa das pessoas vencidas. Foi educando caracteres. Viu, á sua volta, nascerem, cresceram, casarem mulheres felizes.

Foi professora de mães e de filhas —e nunca a inveja entrou no seu pobre coração adormecido, onde viveria ainda a vaga figura desse elegante moreno de 1875, que tinha olhos grandes e usava «môsca»...

. . . .

* * *

O rapaz entrou de novo no Golden Palace, com um enorme ramo de rosas vermelhas.

Eu ainda não escrevera mais uma palavra. Emquanto o barbeiro me rapava os queixos eu tinha evocado mentalmente a historia de Kate...

Ele insistiu: Então a cartinha está prompta?—

—Vai já—respondi. Depois, com firmeza escrevi no papel, no mais correto e banal inglês: *Meu amôr: Impossivel tornar a ve-la. Sou casado, não podemos pensar um no outro. Ahi vão essas rosas. Lembre-se de mim só emquanto elas durarem...*

Até nunca mais.

Dei-lhe a folha da carta. Ele assinou. E o envelope? Como se chama?—perguntei eu.

—Não sei—é a ultima, a «numero quatro...»

—A numero quatro...

E a carta lá foi. Ele ficou feliz á espera. Nessa, noite porem, as «girls» do Eden seguiram para o Porto—e a «numero quatro» lá ia, uma lagrima sob as palpebras azues e um grande braçado de rosas vermelhas no colo. — Mas ia!

O Homem que passa

Consultorio pratico

RESPOSTA A TUDO

PELO

PROF. HAITY

CONSULTAS GRATIS SOBRE TODOS OS ASSUNTOS

UM TRISTONHO—Na caligrafia de V. Ex.a nota-se uma enorme propensão para a sinceridade e isso é-lhe extremamente nocivo. V. Ex.a é franco, leal, por isso, ou faça por mudar de feitio ou então meta-se a frade, porque as mulheres gostam exactamente do contrario.

UMA MULHER—Porque digo sempre mal das mulheres? Mas minha senhora, não sou eu o culpado. Elas teem tão pouco de que se dizer bem! Olhe V. Ex.a por exemplo Na sua caligrafia leio que é amorosa, caritativa, mas leio tambem que é voluvel e facil de desnortear pelo primeiro «papo-seco» que lhe apareça. Já vê que não é minha a culpa.

PINOCA-PELINTRA — Para o bom lustro dos sapatos o melhor que ha é a pomada dos engraixadores. No entanto se besuntou o calçado com manteiga tambem deve ficar lustruso.

MARIA AMELIA—Não, minha senhora! Os homens são tão bons como as mulheres. Tanto valem uns como outros. E' até por isso que quasi sempre se dão mal.

UMA FILOSOFA—E' absolutamente certo. Só depois de se fartarem de ser bons é que os homens se fazem maus. E como V. Ex.a muito bem diz é o amor (que aqui para nós é uma santa cantiga) que os faz mudar. Todo o homem nasce «Pierrot» e se torna «Arlequim». As mulheres é que são sempre «Colombinas».

QUERIDO DAS MULHERES—A sua analise grafologica? Diz-me que V. Ex.a é parvo e fala francez, condições muito apreciaveis numa pessoa totalmente imbecil como V. Ex.a.

ABANDONADO — Se ela o deixou foi porque . . . olhe, elas nunca sabem porque os deixam.

Talvez porque a côr da gravata do seu rival era bonita, talvez porque usa o cabelo apartado ao meio. Elas sabem lá! Para isso ha só um remedio: deixar correr o tempo. Com outra não faz nada porque as mulheres esquecem facilmente um homem com outro, mas os homens não conseguem fazer isso.

LILI—Quando se tem quinze anos julga-se que o amor é realmente o que V. Ex.a diz mas depois, vem a experiencia e constata-se que esse sentimento é uma santa patranha que só serve para fazer romances.

PROF. HAITY

PREVENÇÃO

Previnem-se os srs. clientes que o

PROF. HAITY

só responde ás perguntas que vierem acompanhadas do selo que vem publicado abaixo.

Recortar este selo e enviar com a consulta a Prof. HAITY.

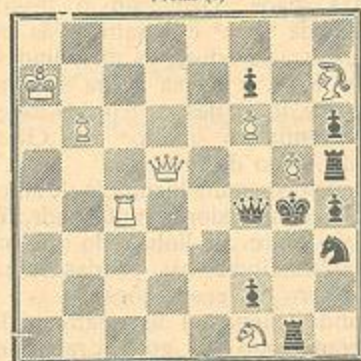
RUA D. PEDRO V, 18—LISBOA

Xadrês

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 16

Por M. J. Colpa

Pretas (9)

Brancas (8)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

—

ERRATA — No Problema n.º 15 substituir Pião em 1 Rei por Torre branca.

—

Solução do Problema n.º 13

1 D. 6 T.

Resolveram os srs. Dr. Damas Mora, Nunes Cardoso, Mota Ribeiro (Porto), J. Manoel Pires (Portalegre), Afonso Moutinho, Capitão Elias Garcia (Faro) e Marcelino de Barros.

(CONTINUAÇÃO)

Independentemente da correcção é tanto melhor quanto ele reuna as qualidades seguintes:

Originalidade real, isto é, a ideia fundamental nova ou apresentada desenvolvida pela primeira vês.

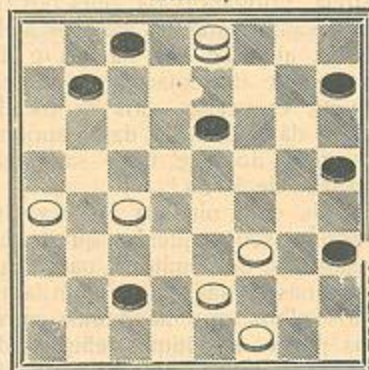
Actualmente esta originalidade é muito rara, ha um certo esgotamento nas novidades. As obras que se fazem hoje são geralmente concebidas sobre ideias antigas convenientemente remoçadas por ornatos mais ou menos brilhantes.

Jogo das Damas

Solução do problema n.º 15

	Brancas	Pretas
1	18—23	12—16
2	4—25	30—21
3	5—14	7—17
4	13—22—31 (D)	
	Ganha.	

PROBLEMA N.º 16

Pretas 7 p.

Brancas 1 D e 5 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 13 alem dos indicados no anterior *Domingo ilustrado*, os srs. Raul Machado, Armando de Campos e José Brandão (Paçô Vieiro).

Resolveram o problema n.º 14 os srs. Raul Machado, José Brandão, Abrantes e Silva, J. Manuel Pires, Eugenio Leal e Artur Santos.

—

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo ilustrado», *secção do Jogo ar* *Damas*. Dirige a secção o snr. João Eloy Nunes Cardozo.

A novela do DOMINGO

VAI SER A UNICA NOVELA

O FAJARDO

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 6)

O comerciante olhando rapidamente o seu belo relogio de ouro, respondeu distraidamente:

—São onze!

Fajardo agradeceu e seguiu naturalmente o seu passeio.

Ao aproximar-se porem da «caixa» dirigiu-se á esposa do lojista, tirando o chapeu:

—O marido de V. Ex.a disse que lhe mandasse onze libras.

—O quê? Onze libras?! . . . perguntou a senhora desconfiada.

—Nem mais . . . V. Ex.a vae ouvir.

E avançando até meio da loja, chamou alto:

—O' senhor Fulano! (o lojista).

—Que ha?

—Não foram onze que disse?

—Onze, sim! respondeu o lojista sem ligar qualquer importancia á pergunta, julgando que se tratava ainda de horas.

—V. Ex.a ouviu? tornou o Fajardo em voz alta para a senhora, de quem se aproximava novamente.

Esta, ouvindo a confirmação do marido, contou prontamente as onze libras, entregou-as confiadamente a Fajardo.

Recebendo-as, voltou ao fundo para junto do grupo dos conversadores e tendo trocado com o lojista algumas palavras, que a esposa não podia ouvir áquela distancia, voltou tranquilamente, mas em passo mais ligeiro, dirigindo-se para a porta; cumprimentou amavelmente a senhora ao passar, e sahiu . . .

Só quando mais tarde a senhora perguntou a seu marido para que tinham sido as onze libras, é que perceberam ambos que . . . tinham sido para o Fajardo . . .

M. K.

No proximo numero publicaremos a sensacional novela de aventuras

O segredo do Arco da Rua Augusta

Extraordinario relato de emoção a que está destinado um grande sucesso.

Secção a cargo de José Pedro do Carmo

QUADRO DE HONRA

Abrantes e Silva — Zé Branco — Rei do Orco—F. Carmo—Avlis— Tia Olivia—Rei Mora—Bayart— Sentinela & Gomes.

CAMPEÕES DECIFRADORES DO N.º 15.

Decifrações do numero passado:

Charada em verso: Girovago.
Charadas em frase: Macela—Cocada.
Logogrifo: Disparate.

—

CHARADA EM VERSO

(Ao grande charadista Zarita)

Não há canção que se eguale,
Ao fadinho rigoroso;
O fado que és tão belo,
O fado que és tão ditoso!—2.

Tudo canta, bem ou mal
Canto eu e toda a gente,
Cantam as aguas no rio,
Quando descem da nascente—2

Presunção e agua benta,
Cada qual toma a que quer,
Ninguem há que não decifre,
Este nome de mulher.

AVLIS

CHARADAS EM FRASE

Quem vende a credito do comprador, precisa de uma garantia—2—1.

ZARITA

•

Esta ave oferece um bom alimento—2—1.

AFRICANO

•

ENIGMA PITORESCO

INDICAÇÕES UTEIS

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser enderecada ao seu director e enviada a esta redação, ou á Rua Aurea, 72, Lisbôa.

— Só se publicam enigmas e charadas em verso, charadas em frase, logogrifos e pitorescos, estes bem desenhados em papel liso e tinta da China.

— Os originais, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

— E conferido o QUADRO DE HONRA a quem envie todas as decifrações exactas, entregues até cinco dias após a saída dos respectivos numeros.

Expediente

Vamos proceder á cobrança das assinaturas de "O Domingo ilustrado".

A fim de nos evitarem despesas e transtornos, esperamos que os nossos presados assinantes satisfaçam os respectivos recibos logo que lhes sejam apresentados.

pagina feminina

Carta de Paris

O que já se não usa

QUANDO uma mulher quer ser «chic» e acompanhar o movimento, deve evitar, acima de tudo, usar coisas da moda precedente. Não ha nada de tão mau gosto como isso.

Assim, por exemplo, todas as senhoras sabem que o chapeu ponteagudo morreu e, portanto, nada de o usar este ano. Do mesmo modo o grande pente espanhol, desapareceu de todas as cabeças, ás quaes deu momentaneamente um ar de sevilhanas.

E as joias?

É preciso pôr de lado o colar de fantasia, excepto com alguns vestidos de verão sobre os quaes a sua mancha de côr será harmoniosa. A vossa «barrette» e a vossa pulseira-relogio são já tambem um pouco 1924... É certo que as mulheres apreciam muito estas fantasias; mas vêr-se-ha adeante que as coisas poderão conciliar-se. Quanto á bola de prata... fóra com ela!

Possuís tambem luvas bordadas e sapatos com muitos recortes? Dae-os á vossa creada de quarto, que ficará encantada com essas coisas que já não se usam... E assim talvez ela consinta em pôr toda a sua sciencia á vossa disposição para desmontar a grande gola enrolada do vosso casaco de agasalho e substitui-la por uma gola estreita.

Quanto ao «manton» espanhol, ainda apreciam as suas longas franjas, as suas flôres berrantes, o aveludado do seu tecido? Pois, fiquem sabendo: já não é «chic» traze-lo. E com o pijama de aspecto feminino sucede o mesmo: foi pôsto de lado.

Não estão as leitoras aborrecidas da «écharpe» de batik, que foi da mais suprema elegancia, e até da «écharpe» estampada? Pois terão de as pôr de lado. E egual sorte será dada á blusa de malha em ponto de cruz, tão linda no ano passado e que não pode agora suportar-se.

E sobretudo tirem da sua saca esse lenço que lá deixaram com a ponta de fóra. E' atrazado, acabou-se.

Da mesma forma está posto de parte, definitivamente, o casaco bordado, esse famoso casaco que foi bonito no ano passado, mas que este ano passou por completo de moda. Temos, por fim, o decote em forma de barco, que descia sempre sobre um hombro. Fomos-lhe fieis algum tempo mas agora acabou-se. Já não é de moda.

O que devemos usar

Em primeiro logar temos a pequena «cloche», que reconquistou o seu logar e sabe Deus quando será destronada. E' agradavel, leve, em feltro evidentemente, com um pequeno laço sem importancia atraz. Quando a tiramos, ficamos penteadas severamente e, quando muito, permitiremos á noite um grande pente circular colocado atraz, para segurar os cabelos cortados.

Os diamantes da vossa «barrette» serão desmontados e colocados sobre um broche arredondado; quanto ao vosso relogio-pulseira, muda-se-lhe a fita de «moiré», para o fazer cahir do bolsinho... Os vossos brincos são compridos, tão compridos que caem quasi sobre o hombro e vosso dolar de grossas perolas cinge o vosso pescoço, apertado.

Simplicidade quanto ás luvas e aos sapatos. Tacões baixos e fôrmas «sport» para a tarde. A' noite, um fino fio de «strass» pode bordar a abertura do escarpim. As luvas claras e lavaveis, cosidas exteriormente, parecem ter agora a preferencia. Quanto á gola do casaco, essa faz-se muito pouco importante: o vestuario ficará assim rejuvenescido.

Para substituir o chale de pesados bordados, ha agora compridas e vaporosas écharpes de tulle. Com que graça nos envolveremos nessa onda esvoaçante de tecido levissimo. Os nossos vestidos de interior serão praticos e encantadores, uma comprida blusa de seda descerá até muito baixo sobre a calça discretamente oculta.

Em vez da «écharpe» teremos um lenço escossez. Ha-os lindos, azues e amarelos, cereja e castanho, violeta e verde. Quanto á blusa de malha, essa tem o decote em bico e é feito em pequenos desenhos. Usam-se meias a condizer com essas blusas; é o ultimo «chic».

Quanto ao decote, usa-se arredondado, com

uma pequena gola á Claudine, que dá a algumas um lindo aspecto.

E ahi tem as nossas leitoras as ultimas novidades de Paris.

O sol e a epiderme

Para a maior parte das pessoas que têm de afrontar o sol, quer no campo, quer na praia, é altamente recomendavel um bom créme que as preserve dos pessimos efeitos que o sol lhe fará com a mais absoluta certeza. Para isso, nada ha melhor do que o uso constante do «Créme Balsamico Marya», producto absolutamente egual aos melhores e mais modernos crémes extrangeiros.

Vende-se na *Perfumaria da Moda*, Rua do Carmo, 5 e 7.

A proposito do «rouge»

As senhoras portuguesas habituaram-se ha bastantes anos já a usar o «rouge» e muitas delas fazem-no deliciosamente e por tal forma que ninguem diria que o usam. E' assim mesmo que deve ser. O «rouge» posto em excesso é uma coisa detestavel e de pessimo gosto. Ao passo que arranjado por maneira que pareça uma côr natural é gracioso e fino.

Mas as senhoras portuguesas habituaram-a a usar o «rouge» francez porque, em verdade,

Portugal não chegou a outre qualquer dos outros paizes, apesar de se fabricarem «rouges» magnificos na Alemanha, Inglaterra, America, Belgica, etc.

O peor, porém, é que as senhoras portuguesas, com a mania de que só o «rouge» francês é bom, ainda não se habituaram a preferir o que é fabricado em Portugal. É certo que ninguem ainda o havia fabricado nas condições necessarias, porque a fabricação do «rouge» exige não só um conhecimento muito especial de ordem tecnica, mas egualmente um enorme escrupulo no emprego das tintas e demais materias-primas. Mas agora ha já entre nós o «Rouge Marya», apresentado em belas caixinhas, nos tons, mais escuro, «brumette», para morenas, e mais claro, «framboise», para loiras. Ora, esse «rouge» é perfeito e exactamente egual ao francez, feito com as mesmas matérias primas, por eguaes processos e nas mesmas machinas. Portanto, as senhoras devem preferi-lo, não só por orgulho patriotico, mas tambem porque ele se vende por metade do preço do francez.

E' na «Perfumaria da Moda, rua do Carmo e em todo o paiz.

CELIMÉNE

CINEMAS

OS FILMS DA SEMANA

Scaramouche — O melhor film da semana e um dos melhores films até hoje exibidos em Portugal.

E' uma grande realisação, trazendo o cunho pessoalissimo do gosto finissimo de Rex Ingram e da garra pujante do enscenador que assombrou o mundo cinegrafico desde a sua estreia nos «4 cavaleiros do Apocalipse» Desta vez, excedeu-se a si proprio, dando-nos uma adptação da celebre novela de Sabattini, vibrante, cheia de beleza e de ardor. Alice Ferry, a loira mais fotogénica do écran, anima a grande super-produção com a sua beleza e os tres «star» Ramon Novarro, Lewis Stone e George Siegman, colocam-se num plano artistico insuperavel. Aguardamos a 2.ª jornada na anciedade impaciente por admirar a sequencia da bela obra d'arte.

Milagre de Lourdes — Não se compreende como o publico, aliciado um réclame falso e tendencioso acorre a ver como super-produção um film que carece de argumento, de enscenação e de interpretação. Só é bela a parte documentaria, sendo a efabulação, dum romantismo piegas, raiando pela imbecilidade. Os artistas francezes, dos peores, de teatro. Só o beneplacito episcopal de que vem ornada, pode categorisar esta vulgarissima produção.

Dolores — A obra de Felir y Codina não lucrou com adaptação ao écran. Os artistas são inexperientes e a enscenação é pobre e incerta.

Obra indigna do salão em que foi exibida, só a musica lhe alegrou a exibição.

No Coração da Africa Selvagem—Explendido documentario sueco, cheio de beleza, perfeito de execução e que marca um belo exito.

ÉCRAN

Actualidades gráficas

OS NOSSOS SUBMARINOS

A guarnição do Hidra

Grupo da guarnição, no qual se vê o seu ilustre comandante 1.º tenente Correia Monteiro, e entre outros os srs.: Martins da Silva, João da Silva, Afonso dos Santos, Francisco de Seita, Serafim Vaz Pinto, Graça, Pina, Manuel de Barros, Manuel Caixeiro, etc., etc.—(Cliché Garcez).

ACTUALIDADES CINEMATOGRAFICAS

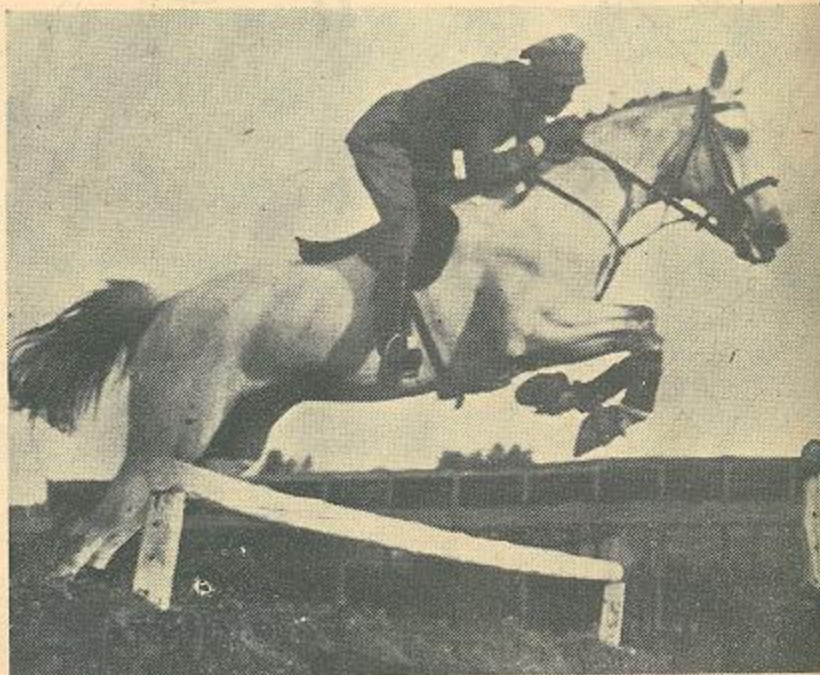
ROMUALD JOUBÉ, o grande artista francês, protagonista da super- série «Mandrin», exito folhetinesco em exibição no «Cinema Condes».

ALICE TERRY, a protagonista da grande producção «Scaramouche», o sucesso grandioso do «Condes».

OS NOVOS NA LITERATURA

MARIA HELENA, AUCTORA DUM LINDO LIVRO DE VERSOS "AMANHECER„ E QUE É O GENTIL DESABROCHAR DUMA ESPERANÇA POETICA COM A QUAL JÁ TEMOS O DEVER DE CONTAR

Um aspecto elegante do Concurso Hipico, em que se vê o excelente cavaleiro Margaride e duas senhoras da alta sociedade lisboeta. (Cl. R. Reis).

ASPECTOS DO CONCURSO HIPICO DE PALHAVÃ

O notavel cavaleiro José Mousinho, detentor da Taça «Florinhas da Rua», num belo salto do cavalo «Hebraico», cuja excelente escola muito agradou. (Cliché Raul Reis).

PUBLICIDADE

A MARCA PREFERIDA PELOS CONHECEDORES. — CENTENAS DE REFERENCIAS. — STOCK COMPLETO DE SOBRESELENTES PARA ESTES CARROS.

C. SANTOS, L.DA

R. NOVA DO ALMADA, 80, 2.º
LISBOA

Brevemente

A novela do DOMINGO

LEITURA FACIL
LEITURA ALEGRE
LEITURA PARA
TODAS AS CLASSES
LEITURA PARA
TODAS AS IDEDADES

MOBILIAS MAPLES

CARPETTES AOS MELHORES PREÇOS!
DO MELHOR FABRICO!

ARMAZENS OLAIO

36, RUA DA ATALAIA, 40
LISBOA

FOTO ESTEFANIA

L. D. Estefania, 11
LISBOA

ATELIER ABERTO DAS 9 ÁS 18 EXCEPTO ÁS SEGUNDAS FEIRAS. EXECUÇÃO PERFEITA EM TODOS OS TRABALHOS A PREÇOS SEM COMPETENCIA. ESPECIALIDADE EM AMPLIAÇÕES, REPRODUÇÕES E ESMALTES VITRIFICADOS, ETC., ETC.

O A B C-ZINHO É O UNICO JORNAL DAS CREANÇAS PORTUGUESAS.

Fotografia AMERICA

OS RETRATOS MAIS CHICS

RUA DO REGISTO CIVIL, 6, 1.º
(ao Intendente)
LISBOA
TELEFONE N. 3029

PAPELARIA CAMÕES

FORNECIMENTOS PARA A PROVINCIA, EM OTIMAS CONDIÇÕES DE TODOS OS ARTIGOS DE PAPELARIA, ARTE APLICADA E PINTURA

P. Luiz de Camões, 42 — LISBOA

Pastelaria QUINTA

Grande sortido de cartonagens para brindes — Amendoa francesa — Fabrico esmerado de todos os artigos de confeitaria e pastelaria — Conservas de frutas — Secção de chá e café.

TELEFONE N. 1267
39 — RUA PASCOAL DE MELO — 53
LISBOA

Tapeçarias de Traz-os-Montes (URROS) L.DA

BREVEMENTE GRANDE EXPOSIÇÃO DOS PRIMEIROS PRODUCTOS DESTA NOVA FABRICA DE TAPETES E ESTOFOS. DESENHOS E FABRICO INTEIRAMENTE DIFERENTE DAS VULGARES TAPEÇARIAS REGIONAIS

DR. ANTONIO DE MENEZES

Ex-assistente do Instituto para creanças aleijadas em Berlim-Dahlem

ORTHOPEDIA

Rachitismo — Tuberculose dos ossos e articulações — Deformidades e paralysias em creanças e adultos

ÁS 3 HORAS
AVENIDA DA LIBERDADE, 121, 1.º - LISBOA
TELEF. N. 908

AOS PAIS! AOS FILHOS!

O melhor presente são os quadros da *HISTORIA DE PORTUGAL*, evocação das nossas grandesas passadas, tricromias sobre aguarelas dos grandes artisticas ROQUE GAMEIRO E ALBERTO SOUSA

EDIÇÕES PAULO GUEDES

QUER CONHECER ALGUMA COISA DE ESTILOS DE ARTE

LEIA OS ELEMENTOS DE HISTORIA DA ARTE

DE LEITÃO DE BARROS

4.ª edição á venda.

O DOMINGO ILUSTRADO

Aceita agentes em toda a parte onde os não haja

O melhor vinho de meza é o COLARES BURJACAS

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SÉDE: — LISBOA, RUA DO COMERCIO
AGENCIA: — LISBOA, CAES DO SODRÉ

CAPITAL SOCIAL	CAPITAL REALISADO	RESERVAS
ESC. 48:000.000$00	ESC. 24:000.000$00	ESC. 34:000.000$00

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE: — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Farò, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real Traz-os-Montes, Vila Real de Santo Antonio e Vizeu.
FILIAIS NAS COLONIAS:
AFRICA OCIDENTAL: — S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Loanda, Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga) S. Tomé, Principe, Cabinda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.
AFRICA ORIENTAL: — Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique e Ibo.
INDIA: — Nova Gôa, Mormugão, Bombaim (India inglesa).
CHINA: — Macau.
TIMOR: — Dilly.
FILIAIS NO BRASIL: — Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.
FILIAIS NA EUROPA: — LONDRES 9 Bishopsgate E — PARIS 8 Rue du Helder.
AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS: — New York, 93 Liberty Street.

OPERAÇÕES BANCARIAS DE TODA A ESPECIE NO CONTINENTE, ILHAS ADJACENTES, COLONIAS, BRAZIL E RESTANTES PAIZES ESTRANGEIROS

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO — 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC. —
TRIMESTRE — 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS ~ PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA ~ NÃO TEM POLITICA

A vinha do Sul ameaçada de morte

O ALCOOL ESTRANGEIRO DENTRO DE PORTUGAL — E A VINHA DO SUL MORTA!

Importantissimas reuniões se teem realisado no Ribatejo, afim de levantar a ameaça que pesa sobre a produção do alcool português. Matar a vinha do sul seria o proprio suicidio de toda a ideia de fomento agricola.